

Adolescência e juventude: implicações do debate conceitual para a reflexão sobre as relações afetivas, amorosas e sexuais entre os jovens¹

Juliana Franzi²
Ulisses Ferreira Araújo³

Resumo: por meio de estudo bibliográfico e amparando-se especialmente em reflexões aventadas por pesquisa de doutorado, o presente artigo aborda as distinções entre os termos adolescência e juventude. Tal abordagem deve-se ao fato de que este trabalho tem como objetivo refletir como as distinções entre os conceitos influenciam na discussão acerca das relações afetivas, amorosas e sexuais para os jovens. No caso do termo adolescência observa-se que o mesmo foi trabalhado majoritariamente pelo campo da Psicologia, tendo sido enfatizadas as características universais que marcam a etapa da adolescência atentando, sobretudo, para as transformações biológicas desta fase, bem como considerando-a como momento de conflitos e tormentas. Já o termo juventude, assumido principalmente no campo das Ciências Sociais, reconheceu-a como um construto histórico e social. Tendo em vista tais considerações, parte-se para a discussão acerca das relações afetivas, amorosas e sexuais entre os jovens, entendendo-as não como fenômenos universais, naturais e biológicos, mas como situadas em determinados contextos históricos, sociais, econômicos e culturais.

Palavras Chave: adolescência, juventude, relacionamentos afetivos, amorosos e sexuais.

Abstract: Through a bibliographical study and, in particular, in reflections proposed by doctoral research, this article addresses the distinctions between the terms adolescence and youth. This approach is due to the fact that this work aims to reflect how the distinctions between concepts influence the discussion about emotional, loving and sexual relationships for young people. Regarding the term adolescence, it is observed that it was worked primarily in the field of Psychology, emphasizing the universal characteristics that mark the stage of adolescence, paying particular attention to the biological transformations of this phase, as well as considering it as a moment of conflicts and torments. The term youth was assumed mainly in the field of Social Sciences, that recognized it as a historical and social construct. In view of these considerations, the discussion concerning emotional, loving and sexual relationships among young people begins, understanding them not as universal, natural and biological phenomena, but as situated in certain historical, social, economic and cultural contexts.

Keywords: adolescence; youth; emotional, loving and sexual relations.

Academicamente observa-se que, de modo geral, o termo adolescência foi abordado majoritariamente pelo campo da Psicologia. Já o termo juventude foi refletido de modo mais intenso pelo campo das Ciências Sociais, abrangendo a História, a Antropologia, a Sociologia e a Educação (GUIMARAES; GRINSPUN, 2008).

A distinção entre os conceitos deveu-se principalmente ao fato de que grande parte dos estudos na Psicologia apontou para características universais que marcam a etapa da adolescência, exaltando as transformações biológicas, tais como o desenvolvimento das funções reprodutivas. Por outro lado, no caso do termo juventude, são exaltados os fatores sociais que influenciam essa fase da vida, reconhecendo-se a juventude como um construto histórico e social. Dito de outro modo, neste campo, entende-se que a forma de ser jovem é influenciada por elementos históricos, culturais, sociais e econômicos.

¹ O presente artigo ampara-se principalmente nas reflexões aventadas pela tese de doutorado da primeira autora sob a orientação do segundo autor.

² Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo e Professora da Universidade da Integração Latino-Americana (UNILA – Foz do Iguaçu, PR) – juliana.franzi@unila.edu.br

³ Professor Titular da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (USP Leste) – uliarau@usp.br

Destarte, tendo em vista tais singularidades que perpassam a conceituação dos termos adolescência e juventude, abordá-los-emos, neste artigo, de modo mais detalhado.

O conceito de adolescência e a abordagem psicológica

O termo adolescência ganhou destaque com a obra do psicólogo norte-americano Stanley Hall, (1844 – 1924) intitulada “*Adolescence: Its Psychology and Its Relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion and Education*”⁴, escrita em 1904 e constituída de dois volumes. Nesta obra, Hall concebeu a adolescência como uma etapa de tormentas, conflitos e crises, as quais seriam decorrentes especialmente dos impulsos sexuais.

Tal compreensão de Hall influenciou o campo da psicanálise no que diz respeito à concepção de adolescência. Como esclarece Aguirre (1994), Stanley Hall e Freud chegaram a conhecer-se. A publicação da obra de Hall sobre a adolescência, como exposto anteriormente, se deu em 1904. Um ano depois, em 1905, Freud publica *Três ensaios sobre a sexualidade infantil*, obra que, segundo Aguirre (1994), embora fundamental para se compreender a sexualidade na infância, “deixava muitas incógnitas sobre a adolescência” (AGUIRRE, 1994, p. 9).

Ana Freud, filha de Sigmund Freud, teve lugar de destaque, tendo dedicado grande parte de seus trabalhos à investigação sobre a adolescência na perspectiva da psicanálise (BECKER, 2003). Suas obras enfatizaram a perspectiva já apontada por Hall – da adolescência como fase de crise –, mas acabou por ressaltar ainda mais esse ponto de vista ao trazer à tona a questão da adolescência ser uma etapa que é normalmente caracterizada por patologias. Contudo, faz-se relevante apontar que apesar de convergir com Hall no que diz respeito à concepção da adolescência como fase de crises, Anna Freud, ao contrário de Hall, compreendeu que a sexualidade não surgia com a adolescência, mas sim desde a primeira infância (AVILA, 2005; MATHEUS, 2007).

De modo geral, os enfoques psicanalíticos sobre a adolescência seguiram enfatizando, sobretudo, os problemas dessa fase da vida. Aberastury e Knobel (1981), por exemplo, referem-se à “síndrome da adolescência normal”⁵.

Por sua vez, Erik Erikson (1976) também contribuiu sobremaneira para o delineamento da concepção de adolescência ao postular uma teoria psicossocial do desenvolvimento. O autor referiu-se à adolescência como fase marcada pela “crise de identidade”, caracterizada pela dinâmica do conflito. Erikson destacou o conceito de moratória social, compreendendo a adolescência como uma fase de transição entre a

⁴ Nessa obra, é notável que Stanley Hall sofreu influências significativas da teoria biogenética de Ernest Haeckel (1834 – 1920). Hall compartilhou com Haeckel a hipótese da recapitulação, compreendendo que a ontogênese repete a filogênese. Segundo Hall, o processo individual, em geral, repete a história da espécie (HALL, 1904, p. 317, vol.1). Como esclarecem Senna e Dessen “com ênfase na teoria biológica, baseada no desenvolvimento das espécies (filogênese) e na recapitulação do desenvolvimento do indivíduo (ontogênese), Hall define a adolescência como um período de transição universal e inevitável, considerando-a como um segundo nascimento” (SENNA; DESSEN, 2012, p. 102). Também se nota a influência da tese evolucionista de Charles Darwin no trabalho de Stanley Hall. Para Hall, a passagem da infância para a adolescência obedecia a leis biológicas. Assim, “a adolescência seria um período vital na promoção do esquema evolutivo da natureza para a humanidade” (AVILA, 2005).

⁵ Ao referir-se à “síndrome da adolescência normal”, Aberastury e Knobel (1981) afirmam que algumas características são “1) Busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crise religiosa [...]; 5) deslocalização temporal, onde o pensamento adquire as características de pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta, que vai desde o auto-erotismo até a heterossexualidade genital adulta; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; 9) uma separação progressiva dos pais e 10) constantes flutuações de humor e de estado de ânimo” (ABERASTURY E KNOBEL, 1981, p. 29).

infância e a vida adulta, um momento preparatório no qual, diante dos conflitos enfrentados para a constituição da identidade, o adolescente protela o comprometimento com as tarefas do mundo adulto e, neste processo, vai provando diferentes papéis sociais como forma de descobrir o que e como deseja ser, ou seja, vai formando sua identidade. Ao referir-se ao conceito de moratória para Erikson, Chiuzi, Peixoto e Fusari afirmam que:

resume-se a um período onde o indivíduo procura explorar as alternativas existentes e experimentar os diferentes papéis que permitam a ele o trabalho de elaboração interna, também influenciada pelas exigências e necessidades socioculturais. A identificação pessoal, então, aparece quando estes jovens elegem valores e pessoas às quais serão fiéis - virtude dilatada a partir da resolução desta crise - em vez de simplesmente consentirem com as escolhas realizadas pelos pais (CHIUZI; PEIXOTO; FUSARI, 2011, p. 583).

Destaca-se ademais a perspectiva psicogenética de Jean Piaget, o qual, ao postular a existência de estágios do desenvolvimento, considera que o sujeito tem ganhos significativos para o seu processo de desenvolvimento ao avançar cada um dos estágios, tendo, desse modo, o escopo de atingir a maturidade afetiva, biológica e cognitiva.

Para Piaget o ponto mais alto do processo de evolução se daria na adolescência. Assim, o adolescente seria capaz de operar a partir do pensamento lógico-formal e aproximar-se cada vez mais do modelo científico e lógico⁶.

Revisando essas compreensões sobre a adolescência, no bojo da própria Psicologia, Oliveira (2006), atentou para as visões dicotômicas que ora consideraram o adolescente como “dominado por paixões e tormentas”, tal como o fez o campo da psicanálise, ora como “sujeito pleno de racionalidade” (OLIVEIRA, 2006, p. 427), tal como o fez a psicogênese.

Bock (2004) também critica a perspectiva assumida pela Psicologia, ao delegar à adolescência um caráter natural, universal e abstrato e considerá-la como “uma fase difícil” (BOCK, 2004, p. 33). Por sua vez, Ozella e Aguiar (2008) questionam a visão “naturalizante e aistórica” da Psicologia no que diz respeito à adolescência (OZELLA E AGUIAR, 2008, p. 98).

Entendemos que o papel crítico, assumido por Oliveira (2006), Bock (2004 e Ozella e Aguiar (2008), aponta rumos dentro da própria Psicologia de romper com a visão naturalizante acerca da adolescência. Contudo, é no campo das Ciências Sociais em que efetivamente tal discussão será levada a cabo.

A abordagem das Ciências Sociais: a juventude como um construto social

Conforme explicam Guimarães e Grinspun (2008), o termo juventude refere-se a “juvenis” (aeoum) que quer dizer “aquele que está em plena força”⁷. Em

⁶ Faz-se importante destacar que Piaget não identificou a puberdade como elemento chave que marca a adolescência. Assim, sua concepção se distancia substancialmente da perspectiva de Hall e Freud, ao deixar de colocar a sexualidade como marco central do desenvolvimento.

⁷ Interessante apontar que segundo Guimarães e Grinspun (2008), na sociedade greco-romana, contava-se com figura da deusa grega Juventa, a qual “era invocada durante a cerimônia que oficializava a troca da roupa simples dos mancebos pela clássica toga, como indicativo de ingresso na vida adulta” (GUIMARÃES, GRINSPUN, 2008, p. 4). Assim, ao compreender que se trata de um mito, as autoras destacam que alguns estudiosos consideram que a juventude é uma invenção da sociedade e recusam-se a tratá-la como a fase da vida.

contrapartida, encontra-se em “adulescens” o seguinte significado: “aquele que está em crescimento” (GUIMARÃES; GRINSPUN, 2008, p. 4). Ademais, “o termo deriva também de *adolescere*, origem da palavra adoecer, fazendo com que estes significados indiquem a condição de crescimento físico e psíquico, que ocorre como um adoecimento, ou seja, com sofrimentos emocionais e transformações biológicas e mentais” (OUTEIRAL, 2003, apud MATOS; FÉRES-CARNEIRO & JABLONSKI, 2005).

Tendo em vista esses significados, podemos verificar que os estudos na área das Ciências Sociais vêm objetivando apontar não somente os pontos negativos e os aspectos biológicos – daquele que “está em crescimento” –, mas as potencialidades – a “força” do ser jovem.

Retrocedendo historicamente, encontramos que uma visão mais sociológica sobre a juventude começou a ser gestada no século XVII, com Jean Jacques Rousseau, sobretudo na obra “Emílio” (VARGAS GIL DE SOUZA, 2004).

Entretanto, foi frente à concepção de adolescência, que emergiu especialmente na obra de Stanley Hall, que se iniciou um movimento questionador da perspectiva trazida por Hall. Destaca-se, pois, a publicação da obra de Margaret Mead (1972) – “*Adolescência: sexo e cultura em Samoa*”, em 1928 –, resultado do estudo etnográfico no qual Mead verificou que a adolescência na ilha de Samoa não era vivenciada como um processo de crises e conflitos. A sexualidade entre os samoanos não se dava através de experiências traumáticas, já que gozavam de liberdade sexual, ao contrário do que ocorria nas sociedades ocidentais. Assim, esse trabalho colocou em evidência que a adolescência não é uma fase com características universais – uma fase universalmente conflitiva, como postulava Hall –, senão que constituída a partir das influências culturais. Assim, “a adolescência nada mais é que um ‘fenômeno cultural’ produzido pelas práticas sociais em determinados momentos históricos, manifestando-se de formas diferentes e nem sequer existindo em alguns lugares” (COIMBRA, BOCCO, NASCIMENTO, 2005, p. 4).

Mannheim também trouxe contribuições para o debate sociológico sobre a juventude. O autor referiu-se ao conceito de geração, afirmando que os “jovens que experienciam os mesmos problemas históricos concretos, pode-se dizer, fazem parte da mesma geração” (MANNHEIM, 1928 apud FEIXA & LECCARDI, 2010). Para o autor, não é a idade comum a determinados sujeitos que o fazem participar de uma mesma geração, senão que as experiências históricas que partilham os jovens pertencentes a uma mesma classe social.

Por sua vez, o historiador Philippe Ariès (1981) esclareceu como a noção de juventude foi sendo construída historicamente, impulsionada pelo sistema de ensino que se incumbiu de separar as crianças e os jovens dos adultos, reservando-lhes um espaço vigiado e organizado por meio de um regime disciplinar rigoroso.

A partir desses aportes, a busca por uma delimitação exata de cada fase da vida vem sendo questionada, aventando-se a discussão de que a noção de tempo depende da percepção dos atores sociais e de que não é notada de maneira universal. Conforme Mellucci, “a definição de tempo torna-se uma questão social, um campo cultural e conflitivo no qual está em jogo o próprio significado da experiência temporal” (MELLUCCI, 1997, p. 8). Desse modo, “na sociedade contemporânea, de fato, a juventude não é mais somente uma condição biológica mas uma definição cultural” (MELLUCCI, 1997, p. 9).

Com efeito, a incisiva ênfase na necessidade de fuga do critério etário, impulsiona Debort (2010) a afirmar que estaríamos, na atualidade, assumindo um caminho contrário ao que se verificou outrora. Enquanto que a busca pela rígida

demarcação cronológica foi notável na modernidade, verifica-se, na pós-modernidade, o intento de desconstruir tal cronologia:

Pensar nas mudanças no curso da vida nas sociedades ocidentais contemporâneas tem levado autores a considerarem que a história desta civilização estaria marcada por três etapas sucessivas, em que a sensibilidade investida na idade cronológica é radicalmente distinta: a pré-modernidade, em que a idade cronológica é menos relevante do que o *status* da família na determinação do grau de maturidade e do controle de recursos de poder; a modernidade, que teria correspondido a uma cronologização da vida; e a pós-modernidade, que operaria uma desconstrução do curso da vida em nome de um estilo unietário (DEBERT, 2010, p. 58).

Nesta perspectiva, a juventude tornou-se um valor que pode ser conquistado em qualquer etapa da vida através da adoção de formas de consumo e estilos de vida adequados (DEBERT, 2010, p. 49). Assim, enquanto outrora a postura senhoril era considerada um elemento que delegava respeito e chegava favorecer a ascensão social, de modo contrário, na pós-modernidade, observa-se a evasão no sentido de se assumir a fase adulta. Conforme explica Debert (2010):

A ideia da vida adulta como uma experiência de maturidade e independência é também bombardeada quando a atenção se volta para as etapas mais avançadas da vida. A expressão "adultescente" se refere a uma geração um pouco mais velha - pessoas de 35 a 45 anos - que se veem como estando na vanguarda da cultura jovem (DEBERT, 2010, p.54).

Tais considerações que refletem os aportes das Ciências Sociais para a compreensão da juventude permitem-nos realizar uma leitura específica sobre o tema das relações afetiva, amorosas e sexuais entre os jovens. Vejamos.

Relações afetivo, amorosas e sexuais na juventude

Em consonância com a compreensão de que a juventude deve ser entendida como um construto histórico e social, também consideramos que o modo de se vivenciar o amor e a sexualidade não são naturais. No que concerne à sexualidade, por exemplo, entendemos, junto à Heilborn (2006), que a socialização e a aprendizagem da sexualidade, “não se restringe àquele da genitalidade” (HEILBORN, 2006, p. 35), mas extravasa na aprendizagem de uma série de aspectos simbólicos imprimidos em cada grupo cultural sobre o que constitui a sexualidade. Como atenta Weeks “a sexualidade tem tanto a ver com nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com nosso corpo físico” (WEEKS, 1999, p. 38).

Com efeito, o surgimento do termo sexualidade é recente, tendo emergido no século XIX. Foi Foucault o grande responsável por analisar como, especialmente a partir do século XVII, foram produzidos discursos sobre a sexualidade que prescreviam uma verdade regulada sobre as relações sexuais. Tais discursos eclodiram com mais força no século XIX e permitiram não somente que a sociedade se manifestasse mais sobre o sexo, criando uma sensação de liberdade sexual, mas também que compartilhasse de normas rigidamente estabelecidas, configurando, na realidade, aparelhos de repressão. Para Foucault a repressão sexual está articulada a

mecanismos de poder que regulam e normatizam os desejos e prazeres e controlam os corpos. Tais regras e normas foram instauradas especialmente por instituições pedagógicas, jurídicas, religiosas e médicas (FOUCAULT, 2005).

Ademais, podemos apontar que, a despeito de já bastante divulgada e compartilhada a ideia de que o amor deve formar parte de uma relação conjugal, Araújo (2002) destaca que o amor como condição para o casamento e a sexualidade como parte integrante da vida do casal somente emergiu por volta do século XVIII, e mais notavelmente nas sociedades ocidentais, haja vista que, anteriormente a esse período, a escolha do(a) parceiro(a) era realizada pela família e o casamento visava os benefícios econômicos decorrentes de tal união.

No caso do contexto brasileiro, Azevedo (1986) destaca que esta realidade tardou um pouco mais a ser alterada, uma vez que ainda no final do século XIX e começo do século XX, as uniões eram feitas com base nos arranjos econômicos. De acordo com Del Priore (2007), é somente por volta da década 1960 que, no Brasil, amor, casamento e sexualidade passam a articular-se, impulsionado por ideias europeias.

No bojo de tais transformações, podemos observar que uma das mudanças mais recentes na forma de se vivenciar o relacionamento afetivo, amoroso e sexual entre os jovens brasileiros é o “ficar”. Tal fenômeno, que emergiu na década 1980 (STENGEL, 2003), configura-se como uma relação rápida que pode durar um ou alguns encontros e que pode envolver beijos, carícias e chegar à relação sexual.

Uma das diferenças entre o namorar e o “ficar” refere-se ao fato de que, como atenta Ribeiro et al. (2011) no namoro, a relação, ainda que efêmera, é marcada pela publicidade. Contudo, vale destacar que a efemeridade é mais notável no “ficar”, uma vez que se caracteriza por relações que se dão em situações específicas, que duram geralmente por apenas algumas horas em noites de festas e diversões (JUSTO, 2005), enquanto que o namoro, majoritariamente, é marcado por uma relação de continuidade e de compromissos. Segundo Justo (2005), “o ‘ficar’ não implica compromissos futuros e é visto como um relacionamento passageiro, fortuito, superficial, sem maiores consequências ou envolvimento profundos” (p. 71).

Outra distinção que pode ser salientada em relação ao ficar e ao namorar refere-se à exclusividade e à fidelidade. No namoro a exclusividade é uma das regras do relacionamento; ao contrário, no “ficar” a exclusividade não é requerida. Conforme Castro, Abramovay e Silva (2004), no namoro a preocupação com a fidelidade ocupa um lugar especial (CASTRO, ABRAMOVAY E SILVA, 2004, p. 99). Já no ficar há certo afrouxamento com essa preocupação, uma vez que ganha importância “a maior flexibilidade das trocas afetivas” (CASTRO, ABRAMOVAY E SILVA, 2004, p. 88).

Em virtude de tais características podemos arguir sobre o papel do “ficar” no sentido de corroborar para a dissolução da vida adulta e para que a juventude seja assumida como um valor (DEBERT, 2010), uma vez que oportuniza uma nova forma de relacionamento afetivo, amoroso e sexual distinto dos padrões de relacionamento que comumente se assumem na fase adulta. Assim, finalizamos aventando a seguinte indagação: seria o ficar uma forma de favorecer os “adultescentes”? Por conseguinte, ao finalizarmos com tal questionamento, não temos como intenção traçar conclusões, senão que indicar uma reflexão que, quiçá, seja tomada como fruto de novas investigações.

Referências:

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 1981.

- AGUIRRE, Ángel Baztán. **Psicología de la adolescencia**. Barcelona: Boixareu, 1994.
- ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 22, n. 2, jun. 2002
- ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- AVILA, Sueli de F. O. de. A adolescência como ideal social. In: **SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE**, 2., 2005, São Paulo.
- AZEVEDO, Thales. **As regras do namoro à antiga**: aproximações socioculturais. São Paulo: Ática, 1986.
- BECKER, Daniel. O que é Adolescência. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- BOCK, Ana M. B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 24, n. 62, Apr. 2004
- CASTRO Mary G.; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.
- CHIUZI, Rafael M; PEIXOTO, Bruna R. G.; FUSARI, Giovanna L. Conflito de gerações nas organizações: um fenômeno social interpretado a partir da teoria de Erik Erikson. **Temas em Psicologia** - 2011, Vol. 19, n 2, 579 – 590
- COIMBRA, C. C., BOCCO, F., & NASCIMENTO, M. L. (2005). Subvertendo o conceito de adolescência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 57(1), 2-11.
- DEBERT, Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre , v. 16, n. 34, p. 49-70, Dec. 2010 .
- DE JESUS, Jardel Silva Oliveira. **Ficar ou namorar**: um dilema juvenil. *Psic* [online]. 2005, vol.6, n.1 [citado 2012-01-07], pp. 67-73 .
- DEL PRIORE, Mary. Pequena história de amor conjugal no Ocidente Moderno. In: **Estudos de Religião**, Ano XXI, n. 33, 121-135, jul/dez 2007
- ERIKSON, Erik. **Identidade**: juventude e crise. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976
- FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Soc. estado.**, Brasília, v. 25, n. 2, Aug. 2010
- FOUCAULT, Michel. **Historia de la sexualidad I**: la voluntad de saber. Trigésima Edición. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005
- GUIMARAES, Gilselene Garcia; GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa Zippin. Revisitando as origens do termo Juventude: a diversidade que caracteriza a identidade - ISBN 9788560316106. **Cadernos ANPEd**, v. 1, p. 1-2, 2008
- HALL, Graville Stanley (1904). **Adolescence, its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education**. New York: Appleton and Company, vol. 1

HEILBORN, Maria L. Experiência da sexualidade, reprodução e trajetórias biográficas juvenis. In: Maria Luiza Heilborn; Estela Aquino; Daniela Knauth; Michel Bozon. (Org.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006, p. 30-62.

JUSTO, José Sterza. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia** - UFF, v. 17 - nº 1, p. 61-77, Jan./Jun. 2005.

MATHEUS, Tiago C. **Adolescência: história e política do conceito na psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MATOS, Mariana; FERÉS-CARNEIRO, Terezinha; JABLONSKI, Bernardo. Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. **Interação em Psicologia**, 2005, 9(1), p. 21-33

MARIANO, Carmem Lúcia Rosa Sussel. **Um estudo sobre os relacionamentos amorosos na adolescência**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2001.

MEAD, Margaret. **Adolescência, sexo y cultura in Samoa**. Barcelona: Laia, 1972

MELLUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5/6, p. 5-14, 1997.

OLIVEIRA, Maria Claudia Santos Lopes de. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 11, n. 2, Aug. 2006

OZELLA, Sergio; AGUIAR, Wanda M. J. de. Desmistificando a concepção de adolescência. **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 133, p. 97-125, jan./abr. 2008

OUTEIRAL, Jose Otonni. **Adolescer: estudos revisados sobre adolescência**. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

RIBEIRO, FML., et al. Entre o ‘ficar’ e o namorar: relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, MCS., ASSIS, SG., and NJAINE, K. (orgs). Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, pp. 55-86.

SENNA, Sylvia Regina Carmo Magalhães; DESSEN, Maria Auxiliadora. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 28, n. 1, p. 101-108, Mar. 2012 .

STENGEL, Marcia. **Obsceno é falar de amor? As relações afetivas dos adolescentes**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2003.

VARGAS GIL SOUZA, Carmem Z. Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites. **Última décad.**, Santiago, v. 12, n. 20, jun. 2004

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte; Autêntica, 1999